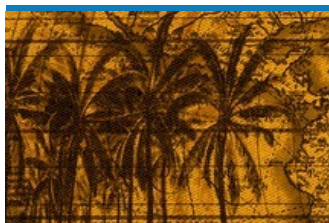


16/09/2016 às 05h00

Abre-te, Brasil

Por Edmar Lisboa Bacha | Para o Valor

Desde David Ricardo sabemos os economistas que um país se beneficia ao integrar-se à economia internacional. Ricardo tinha em mente os benefícios que adviriam da especialização do país naqueles produtos em que é relativamente mais produtivo. Ele venderia a seus parceiros comerciais tais produtos e deles compraria a preços mais baratos os produtos nos quais é relativamente menos produtivo. Trata-se do princípio das vantagens comparativas.



Hoje em dia, a teoria do comércio internacional argui que os ganhos da especialização são menos importantes do que três outras dimensões do comércio internacional. Em primeiro lugar, o comércio permite às empresas de um país absorverem a tecnologia disponível na fronteira da produção internacional, ou seja, incorporarem o "estado das artes" mundial a seus processos produtivos. Em segundo lugar, devido aos custos decrescentes da produção para um mercado ampliado, o comércio gera ganhos de escala substanciais. Finalmente, ao aumentar a concorrência por mercados, o comércio permite uma expansão das firmas mais produtivas, que se sobressaem àquelas que antes subsistiam protegidas por barreiras tarifárias ou de outra natureza.

Os "milagres econômicos" - no Sudeste Asiático, na periferia da Europa e na Oceania - mostram que os países que superaram a renda média e se juntaram aos países desenvolvidos após a Segunda Guerra Mundial o fizeram com uma integração crescente ao comércio internacional. Tal é o caso de Austrália, Coreia do Sul, Espanha, Grécia, Hong Kong, Irlanda, Israel, Nova Zelândia, Portugal, Cingapura e Taiwan.

Brasil é um país fechado

Em contraste com a abundante evidência dos benefícios do comércio internacional, o Brasil permanece sendo umas das economias mais fechadas do mundo.

Grandes economias são grandes exportadoras. Já o Brasil é a sétima maior economia do mundo, mas apenas o 25º maior exportador. O PIB do Brasil representa 3% do PIB mundial, mas as exportações alcançam apenas 1,1% das exportações mundiais. Um gíngantinho em termos de PIB, o Brasil é um anão em termos de exportações.

O que se vê do lado das exportações se confirma do lado das importações. A participação das importações no PIB do Brasil é de apenas 14%. Exceto por Nigéria e Sudão, esse é o menor valor entre todos os 160 países para os quais o Banco Mundial tem dados.

Por que o Brasil se mantém fechado quando os benefícios da integração ao comércio exterior parecem ser tão óbvios? Há quatro explicações para isso, muito entranhadas em nossos debates políticos e econômicos.

Complexidade da teoria

A primeira explicação é a dificuldade de entender a teoria das vantagens comparativas. A teoria do comércio exterior antes de David Ricardo era a de Adam Smith, para quem os países deviam exportar o que sobrava depois de satisfeita a demanda interna - o comércio era uma saída para o excesso de capacidade interna. Trata-se de uma posição mais intuitiva e fácil de

Cultura & Estilo

Últimas Lidas Comentadas Compartilhadas

Ator Domingos Montagner, da TV Globo, morre aos 54 anos
15/09/2016 às 16h20

As nuvens sobre o museu a céu aberto 🔑
05h00

O passo além da revolução 🔑
05h00

O outro lado do criador de Inhotim 🔑
05h00

Ver todas as notícias

Você também quer mudanças na Oncologia do Brasil?

Junte-se a nós!

3º CONGRESSO BRASILEIRO
Todos juntos contra o câncer
COLABORE NA CONSTRUÇÃO DO FUTURO

www.tjcc.com.br

27 e 28 de setembro de 2016

À mesa com o Valor

Entrevistas



VIRGILIO MARTÍNEZ
O passo além da revolução 🔑

16/09/2016 às 05h00

entender do que o conselho de David Ricardo, para o país abandonar parte de sua produção para concentrar seus recursos em produtos cuja demanda depende do humor de estrangeiros.

A ideia de proteger o mercado interno e exportar o que sobra é um prato cheio para políticos à esquerda e à direita. Exemplos recentes são o plano de comércio exterior baseado no princípio da "America first" de Donald Trump e também os discursos de Dilma Rousseff em 2011 conclamando a defesa do mercado interno contra a crise internacional. Convencer os políticos dos benefícios do comércio internacional é uma tarefa ingrata para os economistas.

Oposição de interesses constituídos

A segunda explicação é a oposição dos interesses constituídos, ou seja, firmas e sindicatos que teriam a perder com a desproteção do mercado doméstico. É que os benefícios da abertura são difusos: são os consumidores de uma maneira geral e empresas e trabalhadores desacostumados com a ideia de exportar que dela se beneficiam. Por outro lado, os incumbentes que desfrutaram da exploração monopolística do mercado interno e que perderiam com a abertura são politicamente poderosos, como ilustrado pela influência das entidades empresariais nas decisões de política comercial do governo brasileiro.

Benefícios no longo prazo; custos no curto prazo

A terceira explicação é que os benefícios da abertura tendem a se materializar mais à frente, quando os recursos produtivos se deslocam para novas e mais produtivas ocupações. Os custos, por outro lado, aparentam ser mais imediatos, implicando a perda de emprego e de mercado para os produtores nacionais deslocados pelas importações. No contexto de uma visão míope a respeito do desenvolvimento do país, os benefícios futuros não parecem compensar os custos presentes da abertura.

Leitura tradicional da história

Uma quarta explicação deriva de uma leitura tradicional da história econômica do país. Segundo essa leitura o Brasil teria estagnado no século XIX por ter mantido uma economia aberta, baseada na exportação de produtos primários. O país teria progredido no século XX por ter mantido uma economia fechada, baseada na substituição protegida de importações. Com essa visão da história, abrir a economia no século XXI seria um retrocesso, que somente traria desindustrialização e reprimarização das exportações.

Trata-se de uma visão caricatural de nossa história, que desconhece os benefícios que o país teria auferido se, ao invés de ter-se especializado em café e restringido a indústria ao mercado interno, tivesse praticado uma política de abertura ao comércio com diversificação das exportações como fez a Coreia do Sul por exemplo. Além disso, olhando à frente não mais se trata de exportar produtos primários brutos, mas de lhes adicionar valor através de complexos agro-mínero-industriais cuja produtividade nada fica a dever ao setor manufatureiro como um todo.

Irrealismo das hipóteses

As quatro explicações anteriores estão presentes no debate brasileiro. Mas trata-se de concepções que são equivocadas ou de defesa de interesses constituídos. Se fosse só por elas, os aberturistas ganhariam fácil a parada contra os protecionistas.

Mas há uma questão mais substantiva. Trata-se de um possível irrealismo da hipótese aberturista sobre o funcionamento da economia. A hipótese é de que bastaria reduzir as tarifas e outros embaraços protecionistas para produzir uma realocação eficiente de recursos, sem afetar seja o equilíbrio interno (pleno emprego), seja o equilíbrio externo (exportações emparelhadas com as importações).

Entretanto, devido a rigidezes na alocação de recursos de imediato a abertura pode gerar desemprego e déficit na balança comercial. A transição para um equilíbrio interno e externo pode ser longa e penosa. Ou, em regimes democráticos, a abertura pode simplesmente ser abortada - como ocorreu a partir de 1995 com a abertura do governo Collor de 1990.



SONIA BRAGA
Com as garras da felina

09/09/2016 às 05h00



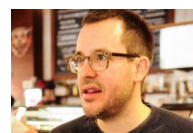
MARCO NANINI
Um ator de muitas fantasias

02/09/2016 às 05h00



MARCOS E TOMÁS PEREIRA
O líder e o inventor

26/08/2016 às 05h00



ANTONIO PRATA
O banal em tons extraordinários

19/08/2016 às 05h00

Vídeos



A chance e o risco de Temer
20/05/2016



Lançamentos

Livros, músicas e filmes



CD
A faceta folk de Jack White
AA+



CD
"Curado"
AA+



CD
"My Woman"
AA+



DVD
Um tributo cômico a Hollywood
AA+



DVD
"Uma Repórter Em Apuros"
BBB

A implicação é que a estratégia de integração internacional do país precisa ser baseada em "cenouras" e não só em "chicotes". Ou seja, é preciso estimular a demanda pelas exportações e remover impedimentos à reestruturação da oferta interna.

Proposta de integração

No "EU& Fim de Semana" de 27, 28 e 29 de setembro de 2013, com o título "Abrir ou abrir: eis a questão", apresentei uma proposta de integração comercial, baseada na concepção de que o aumento dos fluxos de comércio é um componente crítico da retomada do crescimento brasileiro. Mas a proposta também leva em conta os riscos de uma abertura liberalizante abrupta.

A proposta consiste em três pilares, a serem implantados de forma gradual e simultânea: (i) redução do "custo Brasil"; (ii) troca de tarifas por câmbio; e (iii) acordos comerciais.

O primeiro pilar são medidas para a redução dos custos de fazer negócios no Brasil, não só os de natureza tributária, burocrática e trabalhista, como também aqueles relacionados ao transporte e à infraestrutura portuária e alfandegária.

O segundo pilar é um programa gradual de redução das tarifas e de outros mecanismos protecionistas compensada por uma desvalorização do câmbio. Nesse contexto, seria oportuna a adoção pelo governo de uma taxa de câmbio de referência, que garantisse o equilíbrio do balanço de pagamentos.

O terceiro pilar é hoje consensual. Trata-se da realização de acordos comerciais com os principais parceiros comerciais do país, num movimento em que o Brasil já chega com atraso em relação a seus vizinhos latino-americanos da orla do Pacífico.

Esse programa dá conta da única crítica possivelmente válida à abertura, pois leva em conta a rigidez da alocação de recursos e é consistente com a manutenção do emprego e o equilíbrio do balanço de pagamentos. Sobram as quatro críticas iniciais, mas essas só expressam ou um desconhecimento dos benefícios da abertura ou uma defesa de interesses opostos ao bem comum. Abre-te, Brasil!

Edmar Lisboa Bacha é sócio-fundador e diretor do Instituto de Estudos de Política Econômica/Casa das Garças

Compartilhar 3

Tweet

Share

G+1 0

Ω